

GADAMER E OS LIMITES DA HERMENÊUTICA

GADAMER AND THE LIMITS OF HERMENEUTICS

Estanislau Fausto.

(UFS- NEPHEM)

RESUMO:

Este artigo será dedicado ao estudo da terceira parte do livro *Verdade e Método*, do filósofo alemão Hans-Georg Gadamer. Nosso objetivo é realizar um esboço, a partir das observações de Gadamer, sobre limites da hermenêutica filosófica.

Palavras-chave: Gadamer, Linguagem, hermenêutica filosófica.

ABSTRACT:

This article will be based in the third part of the book *Truth and Method*, of the german philosopher Hans-George Gadamer. Our purpose is expose a study, at the observation of Gadamer, about the limits of philosophical hermeneutics.

Keywords: Gadamer, language, philosophical hermeneutics.

Gadamer foi, e é, uma das importantes figuras do século XX para a filosofia, ou melhor, do século XX e XXI. A obra do filósofo oriundo de Marburgo é extensa, assim como a sua vida, foram 102 anos – grande parte deles dedicados aos estudos filosóficos. É inegável, ou pouco discutível, que a grande contribuição filosófica de Gadamer surgiu com o famoso: *Verdade e Método*. Após o livro o filósofo escreveu inúmeros artigos sobre o tema, além de se envolver com extensos debates (alguns com filósofos renomados, entre eles: Emilio Betti, Habermas e Derrida). O texto que se segue será dedicado ao estudo da terceira parte do livro *Verdade e Método*. E a nossa proposta é expor, quais seriam, nas observações de Gadamer, os limites da hermenêutica filosófica.

A linguagem como caminho interpretativo entre interlocução e verdade é um problema antigo da filosofia. Talvez possamos nos remeter a Platão como pai de uma tradição que busca compreender a possibilidade de conhecimento da verdade a partir da linguagem, ou melhor, a partir do discurso; ou seja, enquanto possibilidade de

estabelecimento de uma relação direta entre o pensamento constituído pela linguagem e a coisa mesma. Talvez, até possamos atribuir a Platão a ideia de busca do ser das coisas utilizando a linguagem como o caminho entre a ideia mesma e o que denominamos de mundo. A experiência humana, no mundo, necessita, especificamente, da linguagem como meio para compreensão da realidade. Ao iniciarmos a leitura de *Verdade e Método*, do Gadamer, percebemos que o problema hermenêutico fundamental é o da relação entre pensar e falar, mas, além disso, deparamo-nos com a conhecida celeuma da necessidade interpretativa geral, que irá, não só tomar a relação fala-pensamento como base, mas também as relações de conversações estabelecidas. Ao partirmos da afirmação fundamental que Heidegger torna axiomática, a saber, ontologicamente, ser é linguagem, a experiência de caráter hermenêutico exposta por Gadamer nos servirá para uma melhora na nossa tentativa de compreensão do mundo – na nossa tentativa de compreensão do ser que permeia a linguagem.

Logo no início da parte 3 do livro *Verdade e Método*, Gadamer realizará um pequeno indicativo de como observamos a linguagem. Ele afirma que costumamos dizer que “levamos uma conversa”. A consideração realizada pelo autor é que, quando estamos envolvidos realmente com o que está sendo debatido, nós é que somos levados pela conversa. Assim, há na conversação um espírito próprio que nos fará, de algum modo, tentar desvelar o que está sendo atribuído em meio aos termos empregados por nossa linguagem. Afinal, todo o processo estabelecido é um processo de pura função hermenêutica; de certa forma, é a ordem de uma tentativa constante de interpretação (visto que: compreender é interpretar) do que nos é falado. Ou seja, Gadamer elevou a norma da conversação, que inusitadamente nos parece simples a primeira vista, a um seguimento filosoficamente mais complicado. E, enquanto meio de acordos, a conversação implica a tentativa de compreensão do que nos é dito, e mais: ele também é a tentativa constante de nos colocarmos no lugar do outro, não para entendermos suas idiossincrasias, mas para termos consciência da objetividade do que pode ser expresso em termos linguísticos.

Tal exemplo, o da conversação, é útil para o estabelecimento de uma analogia quanto à compreensão de um texto - ou de textos. O texto é para o seu intérprete um

companheiro de conversação hermenêutica, que se torna um fardo maior para o conhecimento específico produzido pelo interprete. Afinal, ele, o texto, só ganha voz a partir dos movimentos intelectivos de um leitor. Por isso, o fenômeno hermenêutico é caracterizado pela conversação, tanto na fala, como na leitura de uma tradição.

Ao que parece, o fato essencial de uma conversação hermenêutica é dado em sua tradição, sendo ela oral (como as lendas e mitos) ou escrita (ensaios, cartas, etc). Dessa forma, a tradição é apresentada não enquanto aquilo que restou dos textos, não aquilo que permaneceu vivo, ou não foi destruído, mas sim enquanto aquilo que conseguiu se elevar na estância do que ela enuncia e anuncia. Como podemos constatar, a tradição supera a efemeridade da escrita e da fala humana, dando-se como uma contínua memória recente – lembrança que está sempre prestes a ser pensada. E é essa a verdadeira tarefa hermenêutica frente aos textos escritos. A “escrita é uma forma de autoalienação. Sua superação, a leitura do texto, é, portanto, a mais elevada tarefa da compreensão.” (GADAMER, 2013, P. 506).

A linguagem, considerada por Gadamer, torna-se uma espécie de alcance compreensivo de uma consciência plena do que é falado ou textualizado. Portanto, a leitura que é realizada em um determinado texto é a forma de compreensão proposta por alguém pela busca de certa pureza interpretativa. Ou seja, só conseguimos realizar uma análise quando percebemos a entonação de uma linguagem histórica que, deixando a sua temporalidade, apresenta-se como possibilidade de compreensão. A forma interpretativa é um perpetuo recordar; e é, além disso, a constante necessidade da conversação hermenêutica. Ao percebermos isso, devemos dizer que Gadamer nos entregou a solução de um antigo problema hermenêutico: é realmente possível a interpretação estrita do que nos é dito pela escrita? Vejamos:

O escrito é idealidade abstrata da linguagem. Por isso, o sentido de uma notação escrita é perfeitamente passível de ser identificado e repetido. É só o que é idêntico na repetição que realmente foi anotado na escrita. Com isso fica claro também que “repetir” não pode ser tomado aqui em sentido estrito. Não se refere à recondução a um termo primário e originário, no qual algo teria sido dito ou escrito enquanto tal. Compreender pela leitura não é repetição de algo passado, mas participação num sentido presente. (GADAMER, 2013, P. 508).

Obviamente, o texto deve encontrar a compreensão correta para que ele seja realize enquanto objeto de busca pela verdade. No entanto, o próprio Gadamer expressa que uma interpretação correta em si é algo inexistente; desta forma, compreendemos que uma interpretação será correta em seu horizonte hermenêutico, por conseguinte, as interpretações pertencem à situação hermenêutica estabelecida pela forma que ela consegue acomodar-se ao leitor. Isso não relativiza a pretensão de verdade de uma interpretação. “Torna-se claro que a toda interpretação é essencialmente inerente seu caráter de linguagem.” (GADAMER, 2013, P. 515). Esse caráter é existente devido à compreensão do texto. Mas o que poderíamos denominar como compreensão? A compreensão é, justamente, uma “apropriação do que foi dito” (GADAMER, 2013, P. 515). Apenas quando conseguimos reproduzir uma tese de forma clara, como se fosse escrita por nós mesmos, é que podemos expressar a verdadeira compreensão de um texto. Compreender é, então, possuir intelectivamente um texto (ou uma conversação). Com efeito, o ato de apreensão intelectual de um conteúdo só se realiza na própria interpretação, o que nos faz afirmar que compreender ou interpretar são atos inerentes ao leitor, ao auscultador. Nisso, encontramos uma concepção dialética fundamental na relação intérprete-texto, pois enquanto interprete temos a necessidade explícita de não podermos ir além do caráter que é exposto no texto. Ou seja, temos a obrigação interpretativa de não ultrapassarmos a obra. Obviamente, essa não realização se deve ao fato de não queremos superinterpretar o ser existente no texto. No entanto, e este é outro ponto da dialética, enquanto interpretes, necessitamos deste “ir além” do que nos é falado pelo texto, para que possamos compreendê-lo, para que possamos nos apropriar dele. A compreensão é, portanto, um jogo dialético.

Partindo do que obtivemos na interpretação do texto de Gadamer, uma pergunta é necessária para o prosseguimento deste estudo: sabendo da relação direta entre interprete e texto, interprete e ouvinte, seria possível, inseridos em uma tradição linguística, compreender de forma direta outra tradição?

Das ciências linguísticas, obtivemos a noção de que cada língua está em condições de dizer tudo o que quer dizer sobre o mundo. Ou seja, em meio à multiplicidade linguística, qualquer uma das línguas tem a potencialidade de expressar

tudo o que se quer expressar em todas as áreas da vida humana. Desta forma, o questionamento realizado seria mais bem fundamentado, como indica Gadamer, da seguinte forma:

Dentro da multiplicidade das maneiras de falar, pode se estabelecer a mesma unidade de pensar e falar, de tal modo que, a princípio, qualquer tradição escrita possa ser compreendida? (GADAMER, 2013, P. 521).

No fundo, a explanação ocorre na tentativa de descobrir se, inseridos em outra tradição linguística, a nossa percepção das palavras é dada apenas como signo. E assim se, nesta inserção, nós perdemos o nexos entre pensamento e fala. Afinal, possuir outro idioma apenas como signo é tê-lo como mero instrumento - é não utilizar todas as suas potencialidades. Para o ser humano a linguagem não é um mero atributo que se realiza no mundo. Como expusemos inicialmente, a linguagem é a própria representação do mundo. Desta forma, o verdadeiro caráter hermenêutico encontra-se na interligação mundo-linguagem (linguagem-mundo), por esse caráter fundamental não apenas a linguagem como realizada no mundo, mas também por inferir o mundo humano como essencialmente linguístico. O ser humano, então, por excelência, não é apenas um ser que se faz no mundo, mas sim em sua própria linguagem.

É na tentativa de compreensão do mundo, na relação direta entre mundo-linguagem (linguagem-mundo), que o homem pode torna-se apto a:

Elevar-se acima do seu mundo circundante contingente, e porque sua fala traz o mundo à fala, o homem está livre, desde o princípio, para exercer as variáveis de sua capacidade de linguagem. (GADAMER, 2013, P. 574).

O parágrafo acima possibilita melhor entendimento do problema anteriormente exposto, o da inserção em outra tradição. Em nossa própria língua o ato de nomeação não é apenas um ato variável, pois a linguagem nos permite a elevação do que é contingencial em busca de uma primazia para essência do que é dito. Assim, dispomos de meios para expressar, das mais diversas maneiras, a mesma coisa (vide, por exemplo, a grande utilização de sinônimos). E é nesse contínuo expressar do mesmo objeto que encontramos o que há de essencial, linguisticamente, nele - permitindo uma melhor ligação entre pensamento e fala. Dito isso, Gadamer nos faz crer que a questão anteriormente exposta, sobre a tradição linguística, tem uma resposta não muito

complexa. É claro que pessoas que são criadas em tradições linguísticas diferentes vêm o mundo de formas diferenciadas. Mas, aparte a esse ponto, aquilo que é representado é sempre um mundo humano que se faz na linguagem; e, enquanto estabelecido na linguagem:

Cada um desses mundos está aberto, a partir de si, a toda concepção (Einsicht) possível e, assim, a toda espécie de ampliação do mundo e, nesse sentido, acessível a outros. (GADAMER, 2013, P. 577).

Observamos, ainda, que a linguagem é a grande desveladora do nosso comportamento perante o mundo. Com isso queremos dizer que a linguagem é a reveladora não da nossa imediatez sensível do mundo, mas da limitação da extensão do nosso ser perante a história. Assim, enquanto humanos, somos finitos, mas há sempre a possibilidade da nossa linguagem nos elevar além dessa limitação. É esse o motivo para podermos conceber que a linguagem é o esteio para uma tentativa de superação da própria finitude. Obviamente, o tom de nossa finitude parece ter sido superado por alguns poucos homens, tomemos Platão e Aristóteles, Dante ou Goethe, e perceberemos que a palavra concebida por eles – e aqui, palavra e texto são uma e só coisa – não parece ter sido extraviada nas veredas bifurcadas do tempo. Afinal, poucas pessoas conseguiram superar a imediatez da percepção interpretativa humana, fazendo-nos acreditar que viver em uma comunidade linguística não é estar preso a ela, mas sim ter como potencialidade a sua superação, não só espacial – e aqui recordamos o axioma de Gadamer: “aquele que tem linguagem ‘tem’ o mundo” (GADAMER, 2013, P. 585) – mas, até mesmo, temporal. Talvez esta seja a maior possibilidade que a linguagem nos dá – superação da finitude individual pela inserção do sujeito no desdobramento histórico de uma tradição. Ora, mesmo que a experiência hermenêutica fundamental seja a de termos como base “a finitude de nossa experiência histórica” (GADAMER, 2013, P.590), a realização especulativa que se tem na linguagem possibilita que as palavras, que são de natureza finita – enquanto pronunciadas – submetam-se “ao sentido que se tem em mente como a uma orientação rumo ao infinito”. (GADAMER, 2013, P. 605).

É claro que há uma relação especulativa da linguagem (e devemos compreender o termo *especulativa* na forma definida por Gadamer, ou seja, como a relação com o espelho. Essa relação é aquela que não se encontra em uma estabilidade fenomênica, mas que é caracterizada por não definir de forma dogmática a coisa que é enunciada. Isso seria o contrário de um pensamento unilateral (GADAMER, 2013, P. 601.) análogo à dialética, porque ambos são realizados enquanto superação das contradições e das suposições parciais sobre as coisas. Também o esforço da hermenêutica filosófica visa superar, de forma dialética, neste contínuo ir além, a unilateralidade linguística. Gadamer diz: “Ser uma e mesma coisa, e, ao mesmo tempo, ser outra.” (GADAMER, 2013, P. 610). Esbarramos aqui no grande paradoxo da interpretação hermenêutica. A interpretação original, que é uma das grandes razões de ser da hermenêutica clássica, tem, aos olhos de Gadamer, natureza dúbia. Inclusive, é possível supor que essa interpretação original não se encontre nem no momento de concepção da obra pelo seu próprio autor, dado que a linguagem interpretativa é um fenômeno secundário. Isso nos leva a crer que a hermenêutica filosófica deve trazer em si a própria linguagem especulativa, e não tentar nos mostrar um sentido originário, mas sim, superar dialeticamente a necessidade desse sentido – em um contínuo ir além do texto, sendo uma e mesma coisa, e, ao mesmo tempo, sendo outra em seu extrapolar da linguagem interpretativa.

Já percebemos que a linguagem é um meio que liga o “eu”, partícula originária do indivíduo, com o mundo. Toda a compreensão do eu perante o mundo é compreensão a partir da linguagem – ao menos, é o que Gadamer acredita. Ou seja, o ser que temos como compreensível é o ser que se realiza na linguagem, mas que, além disso, é o ser da própria linguagem. Ora, se tomarmos a premissa de Gadamer como base, a saber, de que o “eu” tem uma compreensão do mundo que é linguística, o passo conclusivo que deve ser dado é o de que a hermenêutica tem aspecto universal, é compreensão humana do mundo.

De certo modo, o fenômeno hermenêutico devolve aqui a sua própria universalidade à constituição ontológica do compreendido, na medida em que a determina, num sentido universal, como linguagem, e determina sua própria referência ao ente como interpretação. Por isso, não falamos somente de uma linguagem da arte, mas também de uma linguagem da natureza, e inclusive de uma linguagem que as coisas exercem. (GADAMER, 2013, P. 612)

Para nós a característica fundamental da hermenêutica de Gadamer é tentativa de universalização, por parte do autor, da mesma. Como já foi formulado, a estrutura da hermenêutica gadameriana não será unilateral, mas se fará em um aspecto dialético, logo, interpretativo. E devemos ter isto sempre a vista, afinal, o limite da hermenêutica filosófica é a universalização da mesma.

Para realização desta universalização, o significado de um evento, ou de um texto, não é tido com um objeto fixo. Tão pouco a nossa ideia de consciência histórica o é – já que exigimos desta uma constante ligação entre o passado e o presente – mas deve ocorrer na percepção da linguagem como meio universal. Afinal, a nossa relação como o mundo tem o “caráter de linguagem de modo absoluto, sendo portanto compreensível igualmente de modo absoluto.” (GADAMER, 2013, P. 613). Tornando a hermenêutica o meio absoluto de interpretação da realidade, seu limite se faz em si mesma.

A compreensão hermenêutica da linguagem não deixa de ser um jogo legítimo, a ser interpretado. Jogo em que os jogadores recebem regras bem delimitadas, e no qual não pode haver modificação ao bel-prazer. Somos, enquanto jogadores, apenas mais uma parte desse jogo, uma estrutura a mais do seu funcionamento.

E o que ganhamos, por fim?

Sem dúvida, essa é uma pergunta extremamente válida. Talvez, como o próprio Gadamer (GADAMER, 2013, P. 651) afirmou, se houver uma disciplina ao perguntar e ao investigar – talvez, como falávamos – possamos garantir a verdade.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método*. Trad. De Flávio P. Meurer; Revisão de Trad. De Enio Paulo Giachini. 13. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes. Bragança Paulista; Editora Universitária São Francisco, 2013. (Coleção Pensamento Humano).

GRONDIN, Jean (org.). *O pensamento de Gadamer*. São Paulo: Paulus, 2012.

_____. *Introdução à hermenêutica filosófica*. São Leopoldo: UNISINOS, 1999.

LAWN, Christian. *Compreender Gadamer*. Petrópolis: Vozes, 2007.

Publicado no dia 24/10/2014

Recebido no dia 08/10/2014

Aprovado no dia 09/10/2014